

#cm

2

QUARTA-FEIRA

Repescagem do Festival do Rio termina nesta quarta

PÁGINA 3



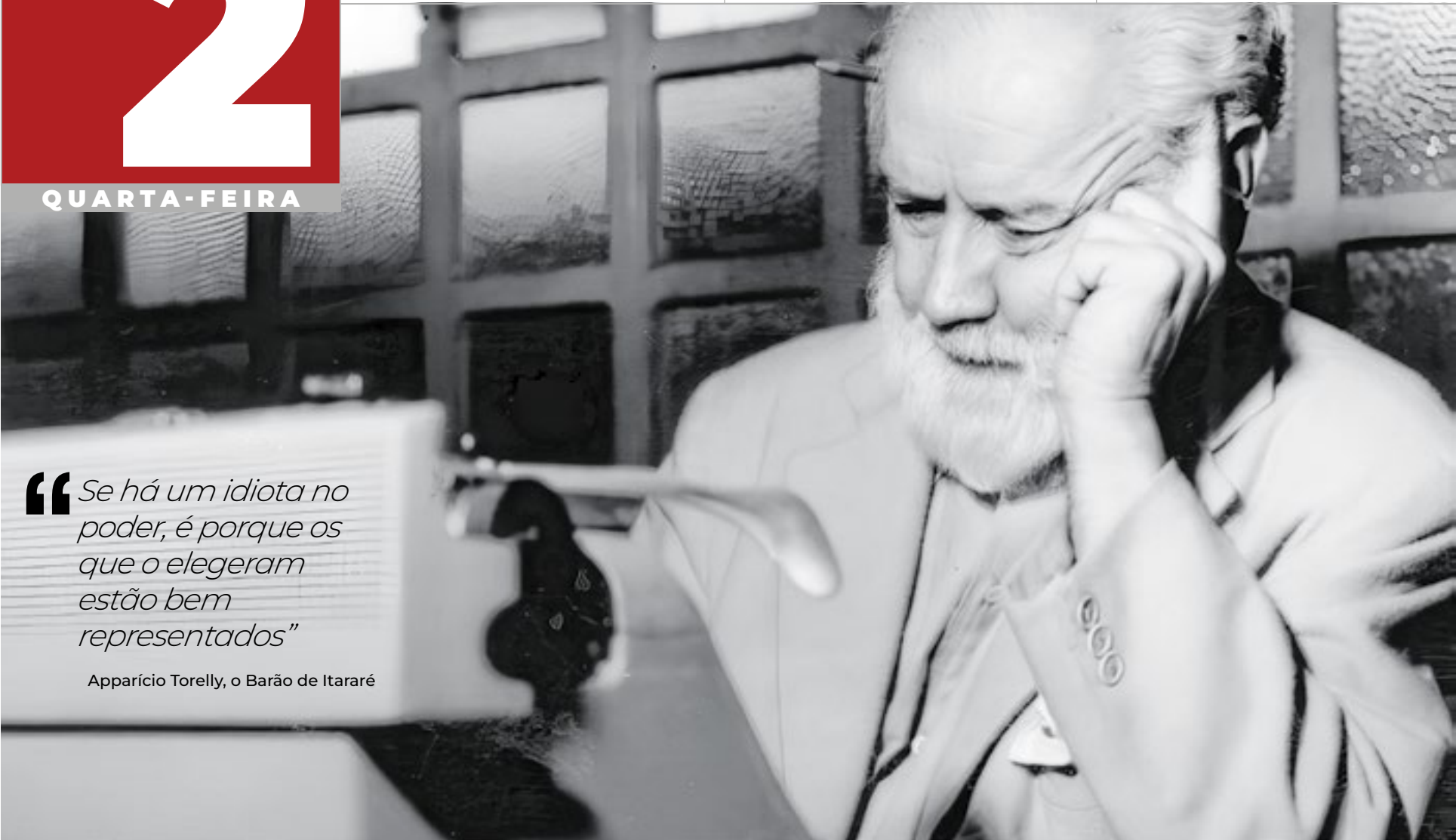
Peça com Wagner Moura tem lotação esgotada

PÁGINA 5



Victor Biglione celebra a genialidade de Luiz Bonfá

PÁGINA 7



Reprodução

“Se há um idiota no poder, é porque os que o elegeram estão bem representados”

Apparício Torelly, o Barão de Itararé

O humor contra os podres poderes

Documentário ‘O Brasil que não Houve’ retrata Apparício Torelly, criador do jornal ‘A Manhã’ e precursor da sátira jornalística nacional

Por AFFONSO NUNES

O humor político brasileiro tem suas raízes fincadas na figura singular do jornalista Apparício Torelly (1895-1971), mais conhecido como Barão de Itararé, personagem central do documentário-comédia “O Brasil que não Houve - As Aventuras do Barão de Itararé no Reino de Getúlio Vargas”, reve sua estreia mundial na Festa Literária de Paraty (Flip), foi exibido no Festival do Rio e que chega ao canal Curta! no próximo dia 25.

Dirigido e roteirizado por Renato Terra e Arnaldo Branco, com narração de Gregorio Duvivier, o filme resgata a trajetória do humorista que se tornou o grande nome do “jornalismo mentira, humorismo verdade” durante a Era Vargas. Seu jornal A Manhã pode ser considerado o pai do Pasquim, o avô do Casseta & Planeta e o bisavô do portal Sensacionalista.

A verve satírica do autoproclamado Barão revelou verdades que o jornalismo tradicional de sua época ocultou.

Continua na página seguinte

Divulgação



Getúlio Vargas, que presidiu o país em períodos autoritários e democráticos, era o maior alvo do humor ácido e corrosivo do Barão de Itararé

Irreverência que custou caro

Num período em que o Rio de Janeiro, então capital federal, possuía mais de 60 jornais, o gaúcho Apparício Torelly comandava o jornal “A Manhã”, publicação satírica que ridicularizava a imprensa, os costumes e os políticos da época com uma irreverência que custou caro ao seu criador.

Preso três vezes por suas piadas, o Barão acumulou mais de dois anos de cadeia, numa época em que humoristas eram literalmente cancelados pelo Estado autoritário. “O Barão é de uma época em que os humoristas eram cancelados de verdade e nem podia botar culpa no politicamente correto”, observa Arnaldo Branco, que assina seu primeiro documentário após sete temporadas escrevendo para o Greg News. A presença de Branco e Duvivier no projeto leva o documentário a assumir uma narrativa que muito se assemelha ao antigo programa apresentado pelo humorista, traçando uma inevitável linha de parentesco com o lendário barão.

A genialidade de Torelly estava em revelar verdades através daquilo que parecia absurdo. Em seu jornal satírico, ele demonstrava que a

ALGUMAS MÁXIMAS DO BARÃO

- *A criança diz o que faz, o velho diz o que fez e o idiota o que vai fazer.
- *Os homens nascem iguais, mas no dia seguinte já são diferentes.
- *Dizes-me com quem andas e eu te direi se vou contigo.
- *Sábio é o homem que chega a ter consciência da sua ignorância.
- *Não é triste mudar de ideias, triste é não ter ideias para mudar.
- *O tambor faz muito barulho, mas é vazio por dentro.
- *De onde menos se espera, daí é que não sai nada.
- *Pobre, quando mete a mão no bolso, só tira os cinco dedos.
- *O banco é uma instituição que empresta dinheiro à gente se a gente apresentar provas suficientes de que não precisa de dinheiro.
- *Tudo seria fácil se não fossem as dificuldades.
- *Este mundo é redondo, mas está ficando chato.
- *Tudo é relativo: o tempo que dura um minuto depende de que lado da porta do banheiro você está.
- *Devo tanto que, se eu chamar alguém de “meu bem”, o banco toma!
- *O voto deve ser rigorosamente secreto. Só assim, afinal, o eleitor não terá vergonha de votar no seu candidato.
- *Negociata é um bom negócio para o qual não fomos convidados.
- *Quem não muda de caminho é trem.

cobertura jornalística da época já era uma piada, enquanto suas piadas revelavam mais do que o jornalismo sério. Sua análise da Revolução de 1930 como uma “divergência entre os membros da mesma classe dominante” revela perspicácia política disfarçada de humor.

Jorge Amado reconheceu sua importância ao escrever que “não houve no Brasil escritor mais unanimemente lido e admirado do que o humorista cujo riso, ao mesmo tempo bonachão e ferino, fazia a crítica aguda e mordaz da sociedade brasileira”.

O pseudônimo Barão de Itararé nasce de um episódio emblemático da história brasileira: a famosa batalha que não aconteceu durante a Revolução de 1930. Tropas leais ao governo Washington Luís rumaram para a cidade paulista de Itararé para enfrentar soldados getulistas, criando expectativa de um confronto sangrento que prometia ser o prenúncio de uma guerra civil. Como descreveu o poeta Murilo Mendes, “Itararé, a maior batalha da América do Sul não houve” - foi cancelada por um acordo político. Com quase vinte anos de carreira, Torelly inspirou-se nessa batalha inexistente para se autoconceder um título de nobreza igualmente fictício.

Renato Terra, diretor de documentários como “Uma Noite em 67” e “O Canto Livre de Nara Leão”, explica a escolha do formato: “Foi fundamental trazer o espírito bem-humorado do Barão de Itararé para contar essa história. A trajetória do Barão e seus confrontos com o governo de Getúlio Vargas são contados pela lente do humor”. Essa abordagem vai além do resgate histórico para traçar paralelos com o Brasil do século 21.

Getúlio Vargas e os integralistas foram seu principal alvo, mas não havia líder político ou militar que não se tornasse objeto do humor ácido e debochado deste frasista genial. Suas máximas inauguram uma linhagem de humor que passa por Pasquim, Casseta & Planeta, chegando até o Sensacionalista. Seus comentários seguem atuais, como “De onde menos se espera é que não surge nada mesmo” ou “O que se leva desta vida é a vida que a gente leva”.

Arnaldo Branco e Renato Terra fugiram da narrativa tradicional de documentários e optaram por um recorte minucioso das tretas de Torelly com Vargas. Aspectos de sua vida pessoal ficam reduzidos a uma sequência batizada como Momento Documentário que, à exceção dos períodos de prisão do Barão, passa ao largo de sua conturbada vida pessoal como a perda de duas mulheres e uma filha.

Numa época de censura férrea e repressão sistemática, o Barão de Itararé descobriu que o riso funcionava como uma linguagem cifrada capaz de burlar a vigilância oficial, permitindo que críticas devastadoras ao regime circulassem disfarçadas de piadas aparentemente inofensivas. Sua estratégia revelava a potência subversiva do humor como arma política: ao ridicularizando o poder constituído, o Barão denunciava suas contradições e mostrava que ditadores podem temer mais o ridículo que a oposição frontal. Sob os escombros de uma batalha inexistente, foi o cronista oficial de um Brasil que não houve - mas que, paradoxalmente, segue existindo com suas contradições seculares.



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Vencedores da *Première Brasil* com “Ato Noturno”, “No Coração das Trevas” e “Dona Onete - Meu Coração Neste Pedacinho Aqui” terão passagem pela Mostra de São Paulo a partir desta quinta-feira, mas ainda tem Festival do Rio na área, in loco, em casa, nesta quarta, com direito a votação do prêmio de júri popular para as mostras Expectativa e *Première Latina*. As boas do derradeiro dia de prorrogação da 27ª maratona carioca destacam a força da produção latina, com o fenômeno de bilheteria portenho “Homo Argentum”, de Mariano Cohn e Gastón Duprat, às 16h30, no Estação NET Botafogo.

Essa comédia contabilizou 1.080.000 ingressos vendidos em suas duas primeiras semanas em cartaz na pátria de Javier Milei. Seu chamariz é Guillermo Francella, astro de “O Clá” (2015) e da série de sucesso “Meu Querido Zelador” (2022-2024). Ele dá o ar de sua graça ao se dividir (com ardor) entre 16 personagens num mosaico de retratos da vida de seu país.

No próprio Estação da Voluntários da Pátria nº 88 reside a chance de a população do RJ ver em telona, às 19h, uma das principais apostas da Netflix deste fim de ano: “Balada de um Jogador”, de Edward Berger. A plateia há de quicar nas poltronas ao acompanhar Lorde Doyle, aristocrata arruinado (vivido por um Colin Farrell nas raías do esplendor) que se afoga em dívidas de jogo, levado pelos impulsos da ludopatia. A compulsão pelo jogo é a sua desgraça, mas o roteiro de Rowan Joffe não se limita a chorar mágoas: endividado até à espinha, Doyle deseja sair de cena de cabeça erguida. “Doyle é uma alma perdida, com uma bússola moral que já não existe, sob a pressão de um vazio na sua existência”, disse Farrell ao Correio da Manhã no



Astro da comédia argentina, Guillermo Francella de desdobra em 16 (!) personagens nas historietas do ótimo ‘Homo Argentum’, um painel diversificado dos tipos que habitam Buenos Aires

Bye, bye, Redentor!

Fenômenos de bilheteria, clássico restaurado e longa latino oscarizável fecham a tampa da 27ª edição do Festival do Rio, em seu último dia de Repescagem



Colin Farrell brilha em ‘Balada de um Jogador’, novo longa de Edward Berger

Festival de San Sebastián, onde o longa disputou a Concha de Ouro.

Com credores no seu encalço, Doyle refugia-se em Macau, passando dias e noites nos casinos, a beber vodca e a jogar os trocos que lhe restam. Uma ajuda inesperada surge de Dao Ming (Fala Chen), funcionária da casa de jogo que mais frequenta, reacendendo instintos adormecidos. Mas cada passo seu é seguido por Cynthia Blithe,

investigadora privada (interpretada por uma Tilda Swinton mais contida, mas afetuosa), determinada a cobrar-lhe as dívidas. Apesar da ciranda de perigos, magnificamente amplificada pela direção de fotografia exuberante de James Friend, Doyle não abdica do verbo “tentar”.

Às 14h45, ali pelo Estação NET Gávea, quem quiser voltar no tempo até a década de 1970, vai se deliciar com a projeção da cópia



O colombiano ‘Um Poeta’ venceu os Horizontes Latinos de San Sebastián

restaurada de “Apocalypse Now”, que rendeu a Palma de Ouro a Francis Ford Coppola em 1979, ao esquadriñar a Guerra do Vietnã.

No fim do dia, no Estação NET Rio 5, às 21h15, daremos o bye, bye definitivo ao Festival do Rio conferindo o vencedor dos Horizontes Latinos de San Sebastián: “Um Poeta”, que põe o cinema da Colômbia no epicentro da temporada de premiações rumo ao

Divulgação

Oscar. Fazia tempo que uma produção colombiana não arrasava os quarteirões das premiações do cinema mundial do modo como faz o Hermano Simón Mesa Soto, numa direção irretocável.

A última vez em que aquela nação foi listada entre as sensações cinematográficas de uma temporada foi há dez anos, quando “O Abraço da Serpente”, de Ciro Guerra, explodiu na Quinzena de Cineastas de Cannes. Em 2022, houve outra lufada de êxito vinda de lá, com “Los Reyes Del Mundo”, de Laura Mora, que ganhou a Concha de Ouro, na já citada San Sebastián. No entanto, a onda de entusiasmo que “Um Poeta” gera não parece ter igual entre os acertos autorais da pátria que emplacou joias como “A Vendedora de Rosas” (1998), de Victor Gaviria.

Sua trama é protagonizada por Oscar Restrepo, um trovador fracassado. Na trama filmada em Super 16mm pelo realizador de “Leidi” (Palma de Ouro de Curta de Cannes em 2014), Oscar (interpretado com fluidez por Ubeimar Rios, um ator não profissional) teve a chance de lançar dois livros e de dar aulas, o que, nem de longe, aplaca seu apetite por prestígio. A pátria de Gabriel García Márquez viu brotar muitos faróis na literatura. Oscar almeja ser um. Se bebesse menos, era mais fácil chegar lá e não estaria, já quarentão, à mercê do quarto que tem na casa da mãe, rejeitado por entes queridos que poderiam amá-lo. O verbo “desistir” é imposto pela vida a Oscar como um norte inescapável. A crença de que o poema pode levar quem escreve e quem lê à transcendência é o único combustível do seu sonho e da sua coragem. Essa gasolina parece encher também o tanque de uma jovem, Yurlady (Rebeca Andrade), que demonstra ter um talento nato para metáforas, metonímias, aliterações, zeugmas e manhas do vernáculo. Na Medellín filmada por Mesa Soto numa fronteira tênue do naturalismo, ela é um indício de que a chama da invenção lírica arde onde o determinismo econômico impõe silêncio e ausência.

A produção fecha com gana e graça um Festival do Rio que lotou 25 cinemas desta metrópole.

O bate-estaca da transcendência

Ganhador do Prêmio do Júri de Cannes, 'Sirât' abre nesta quarta a 49ª Mostra de São Paulo, à luz da transcendência política do diretor Oliver Laxe, que renova a filmografia espanhola



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Acabado o Festival do Rio, é tempo da Mostra Internacional de São Paulo e com ela, é tempo de "Sirât", longa que pode trazer um Oscar para a Espanha. Sua projeção no abre-alas da maratona paulistana será nesta quarta, na Sala São Paulo. As atrizes Stefania Gadda e Jade Oukid, que atuam no filme, estarão presentes. Haverá mais três chances para o público brasileiro conferir a joia do diretor Oliver Laxe, que saiu de Cannes com o Prêmio do Júri. Quinta, às 18h, a Cinemateca exibe o longa no que promete ser um dos mais disputados acontecimentos do festival paulistano. No dia 22, às 20h15, ele passa no Cinesesc, e no dia 24, às 14h, é a vez de ele ocupar o Multiplex Playarte Marabá.

Desde sua primeira exibição mundial, nas telas de Cannes, tendo os irmãos Agustín e Pedro Almodóvar entre seus produtores, "Sirât" ganhou status de "filme obrigatório" por apostar num casamento (raro) de transcendência espiritual e experimentação formal ao falar de perdas e reconfigurações. É político em sua radiografia da falta de pertencimento entre as populações da Europa que não se rendem a regras históricas do ca-



Rodrigo Fonseca

Sergi López estrela 'Sirât', que assegurou ao galego nascido em Paris Oliver Laxe o Prêmio do Júri de Cannes

"Minha Amiga Eva", do campeão de bilheteria Cesc Gay; e "Surda", de Eva Libertad, que brilhou na Berlinale. É a vez de Laxe.

pitalismo. Tratado como um dos favoritos à Palma de Ouro de 2025 desde sua projeção inicial, deixou a Croisette sob a bajulação da crítica e correu por eventos de respeito como o Festival de San Sebastián. Passou por lá feito trator, com a força que ganhou depois de ter sido escolhido pela Espanha como seu representante oficial na corrida por uma vaga na briga pelo Oscar. É com essa aura que chega a São Paulo. O Festival do Rio refestelou-se com muitos bons títulos espanhóis, como "Romaria", de Carla Simón;

Para o público de Essepê, o nome "Sirât" é associado a uma tieagem na linha "já ganhou" quando se fala de seu destino rumo ao Oscar. Cerca de uma semana após o fim da maratona cinéfila da Côte d'Azur, sites e revistas estrangeiras seguem a incensar sua dramaturgia de tons existencialistas, enquadrando-a como um dos longas-metragens mais possantes do ano. Uma enquête organizada pelo jornalista Christian Blauvelt para a "IndieWire", com 48 críticos estrangeiros, elegeu-o como "O" melhor de Cannes, incluindo "O Agente Secreto", de Kleber Mendonça Filho, em quinto lugar em seu pódio. Laxe também foi citado na votação de Melhor Roteiro. Ninguém nessa votação ignorou "Foi Apenas

Um Acidente", que rendeu a Palma ao iraniano Jafar Panahi. Essa produção aliás faz parte da Mostra e foi escolhida pela França, que o coproduziu, para ser sua emissária na Academia de Hollywood. Panahi é respeitado pela imprensa com unanimidade, por sua obra, por sua vivência da brutalidade institucional de sua pátria e pela poesia em seu modo de narrar. Ele entrou na lista montada por Blauvelt, mas ficou atrás de Laxe, que renovou seu prestígio e a atual fase de excelência da Espanha na telona.

Depois de ter interrompido seu ciclo de longas no Marrocos ("Mimosas"; "Todos Vós Sodes Capitães") para filmar "O Que Arde" (Prêmio do Júri na mostra Un Certain Regard de 2019) na sua Galícia natal, Laxe retornou aos desertos do norte da África para um périplo que começa numa micareta de música eletrônica e passa por um

chão de minas explosivas, numa triagem de violências históricas. Insiste, contudo, que sua mirada não é de desesperança. "Parece que temos um horizonte duro, mas ele, no fundo, é protetor, o que exclui a solidão, sempre estamos acompanhados. O filme mostra que quando o indivíduo se fratura ele se ins-taura num lugar do coletivo", disse o realizador ao Correio da Manhã em Cannes. Capaz de ser radical e melífluo ao mesmo tempo, numa realização ousada, "Sirât" é batizado em referência a um percurso de fé: "Esse nome se refere ao caminho que liga o Inferno ao Céu, como se fosse um espaço de transformação", diz Laxe.

Divulgação

Tudo começa com uma rave no Marrocos, num espaço desértico de rocha e areia. Amalgamada à fotografia de Mauro Herce, a engenharia de som consegue transportar o público para aquela paisagem numa fricção sinestésica.

"Amo a cultura rave e queria partir dela para cruzar o limite do que é humano ao seguir uma figura que confronta com o abismo. Tenho uma equipe fiel, uma família, que está sempre comigo na construção dos meus filmes. Eles são, sim, complicados de fazer", confessou Laxe ao Correio. "É um filme que se desmaterializa ao passar do bate-estacas da música techno a uma instância quase celestial de esoterismo".

Na trama de "Sirât", um pai (Sergi López) e o filho chegam a uma rave perdida nas montanhas do sul do Marrocos. Eles estão à procura de Mar – filha e irmã – que está desaparecida há vários meses numa dessas festas intermináveis. Imersos na melodia bate-estaca e numa liberdade crua que lhes é estranha, eles distribuem incansavelmente a foto dela à espera que alguém a reconheça. A esperança vai-se esvaindo, mas eles perseveraram e seguem um grupo de ravers para uma última festa nas montanhas. À medida que se aprofundam na imensidão escaldante, a jornada leva-os a confrontar os próprios limites.

Vai ter Mostra de São Paulo até 30 de outubro, com 374 filme de 80 países.

Por Affonso Nunes

Avenda de ingressos para “Um Julgamento”, peça que marca o retorno de Wagner Moura ao teatro após 16 anos, gerou muita polêmica ao longo desta segunda-feira (13). Internautas relataram que, às 9h, horário programado para o início das vendas no portal do CCBB-RJ, não havia assentos disponíveis para nenhuma sessão. Muitos fãs expressaram frustração nas redes sociais, afirmando que os ingressos se esgotaram em questão de segundos, levantando questionamentos sobre a transparência e eficiência do processo de venda. A situação gerou descon-fiança entre o público, que passou a questionar se realmente houve disponibilidade de ingressos no horário anunciado ou se problemas técnicos comprometeram o acesso democrático aos bilhetes.

“Um Julgamento” é uma adaptação da peça “Um Inimigo do Povo”, do dramaturgo norueguês Henrik Ibsen. O espetáculo estreou em Salvador, cidade natal de Moura, em 3 de outubro, no Trápiche Barnabé, marcando o aguardado retorno do ator - hoje um astro dos cinemas - aos palcos. A montagem, dirigida por Christiane Jatahy e com texto de Lucas Pa-



Divulgação

Wagner Moura volta aos palcos em adaptação de clássico de Ibsen

Lotação esgotada ou cartas marcadas?

Ingressos para peça que marca retorno de Wagner Moura esgotam-se em minutos e público se revolta

raizo, revisita o clássico de Ibsen, atualizando dilemas políticos, sociais e éticos que permanecem urgentes. Na trama, Thomas Stockmann, vivido por Moura, denuncia que as águas do balneário de sua cidade estão contaminadas,

enfrentando um julgamento público para provar que não é um “inimigo do povo”.

Christiane Jatahy, uma das mais respeitadas encenadoras da cena teatral contemporânea brasileira, propõe uma releitura audacio-

sa do texto ibseniano, escrito originalmente em 1882. Reconhecida por suas experimentações cênicas que frequentemente rompem a quarta parede e questionam as convenções teatrais tradicionais, Jatahy encontrou em Ibsen o material perfeito para explorar questões urgentes sobre verdade, poder e responsabilidade social. A diretora introduz um elemento inovador ao original: a plateia é convocada a participar ativamente do espetáculo, funcionando como um júri popular que deve decidir o destino de Stockmann.

O elenco conta ainda com Danilo Grangheia, Julia Bernat e Lucas Paraizo, formando um quarteto que dá vida a uma trama que ressoa de forma particular no contexto político brasileiro atual. A história acompanha o médico Thomas Stockmann, que se vê transformado em pária social após denunciar publicamente a contaminação das águas termais de um balneário, principal fonte de renda de sua cidade. A denúncia, baseada em evidências científicas irrefutáveis, coloca em xeque não apenas interesses econômicos, mas toda a estrutura de poder local.

Cada encenação torna-se um um evento único, pois o público deixa de ser mero espectador para se tornar parte integrante da narrativa sob a condição de júri.

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Hora da recordação

Leo de Moraes apresenta “A Indústria Humana das Recordações” até domingo (19) no Teatro Municipal Café Pequeno. O espetáculo solo acompanha um homem que revisita memórias através de objetos herdados da avó. Entre bibelôs e canções, ele confronta questões de masculinidade e afeto. Dirigida por Vinícius Rocha, a montagem combina humor e melancolia em reflexão sobre identidade, sexualidade e memória. A encenação íntima convida o público a repensar os objetos que nos definem e nossas heranças emocionais.

Lucas Rodrigues/Divulgação



Nil Caniné/Divulgação

Alerta ambiental

“Nas Selvas do Brazil” esá em cartaz no Teatro do CCBB até 30 de novembro. Com dramaturgia de Pedro Kosovski e direção de Daniel Herz, Gustavo Gasparani e Isio Ghelman interpretam a expedição histórica do Marechal Rondon e Theodore Roosevelt pelo Rio da Dúvida no século 20. A encenação dissolve fronteiras entre atores e personagens, mergulhando na floresta amazônica. O espetáculo conecta a expedição histórica com questões contemporâneas sobre mudanças climáticas e preservação ambiental, revelando os riscos que ameaçam o futuro das espécies.



Costa Blanca Films/Divulgação

Tensões em família

“O Formigueiro” fica em cartaz até 27/10 no Teatro Glaucio Gill. A peça retrata o reencontro de três irmãos para o aniversário da mãe com Alzheimer. Lucas Drummond, Roberta Brisson e Rodrigo Fagundes interpretam os irmãos que recebem a visita inesperada do cunhado Cláudio Márcio (Diego Abreu), envolvido em escândalo de corrupção. O drama familiar revela traumas, disputas e segredos guardados por décadas. A tensão aumenta quando o cunhado, procurado pela polícia, transforma o que seria um encontro protocolar em confronto com o passado da família.

CORREIO CULTURAL

TV Globo/Divulgação



Com Eliana na grade, o programa de Huck diminui

Eliana, enfim, terá o seu programa dominical na Globo

Após longa queda de braço, Eliana foi confirmada como uma das apresentadoras da Globo nas novas atrações que estreiam em 2026. A ex-SBT comandará um programa nas tardes de domingo, em um horário que deverá anteceder a exibição do futebol. A nova atração ocupará parte do espaço atualmente destinado ao Domingão

com Huck.

O contrato da apresentadora com a emissora previa um programa dominical, mas não havia espaço na grade. A solução foi tirar uma fatia do programa de Huck que, obviamente, resistiu bastante à ideia.

Em vídeo publicado nas redes sociais da emissora, Eliana celebrou a novidade.

Grammy Latino

A Academia Latina da Gravação anunciou a primeira lista de artistas que se apresentarão na 26ª Entrega Anual do Grammy Latino. Liniker está entre os confirmados, além de Pepe Aguilar, Aitana, Ivan Cornejo, Gloria Estefan e Carín León, entre outros.

Grammy Latino II

A 26ª Entrega Anual do Grammy Latino será transmitida ao vivo da MGM Grand Garden Arena, em Las Vegas. A transmissão de três horas será produzida pela TelevisaUnivision e exibida em todas as suas plataformas nos Estados Unidos.

Em alta

A cantora Taylor Swift anunciou que lançará um filme e uma série documental com seis episódios sobre o último show de sua turnê mundial "The Eras Tour". Tanto o longa quanto a série chegarão ao Disney+ no dia 12 de dezembro.

Em alta II

A turnê terminou no fim do ano passado, faturando cerca de US\$ 2 bilhões ao longo de 21 meses. A cantora segue em evidência em razão do lançamento do seu novo disco "The Life of a Showgirl". Em um dia, foram 2,7 milhões de vendas.

Camilla de Godoi/Divulgação



Sete décadas pela música

Aos 88 anos, Mestre Siqueira recebe convidados no Rival Petrobras

Referência fundamental do choro e do samba, o cavaquinista e compositor Mestre Siqueira comemora seus 88 anos nesta quarta (15), às 19h30,

no Teatro Rival Petrobras. Em sete décadas dedicadas à música, o artista consolidou uma obra autoral de notável diversidade rítmica. O músico receberá os convidados especiais Nilze Carvalho, Paulão

7 Cordas, Makley Matos, Flavia Enne e Fernando Bento.

O repertório inclui homenagens a figuras centrais do choro como Pixinguinha, Jacob do Bandolim, Waldir Azevedo e Lupercer Miranda. Também haverá espaço para sambas, valsas e polcas.

A trajetória de Siqueira, iniciada ainda na juventude, atravessou diferentes fases da música popular brasileira, mantendo sempre a fidelidade aos gêneros que ajudou a preservar e renovar.

A produção do espetáculo fica a cargo de Pedro Cantalício e Camilo Árabe, com realização do Coletivo Sindicato do Samba em parceria com o Memória do Cavaquinho Brasileiro, organizações que se dedicam à preservação e difusão da música popular brasileira.

SERVIÇO

MESTRE SIQUEIRA - 88 ANOS
Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia)
14/10, às 19h30
Ingressos a partir de R\$ 42

CRÍTICA / DISCO / AFRO-BRAZILIAN SUITE ANCESTRALITY

Som afro-indígena e erudito

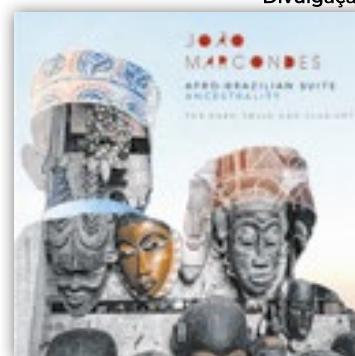
Divulgação

Por Aquiles Rique Reis*

O compositor João Marcondes nos traz agora o álbum "Afro-Brazilian Suite Ancestrality for Harp, Cello and Clarinet" (Azul Music). Um trabalho de referência a demonstrar e aproximar da música erudita a pluralidade de nossas raízes ancestrais. Álbum que é a sequência de um projeto simplesmente admirável.

São duas formações instrumentais: uma, com harpa (Sole Yaya), violoncelo (Marialbi Trisolio) e clarinete (Ovanir Buosi), interpretando cinco das nove peças do repertório. Outra, com harpa (Sole Yaya), violoncelo (Marialbi Trisolio) e violino (Leandro Dias), tocam as faixas restantes.

Como se nota, houve tão-somente uma única troca de instrumentos entre as duas formações instrumentais. Todavia, o engenho de



João Marcondes souu de tal forma que a mudança timbrística do clarinete para o violino, creiam, proporciona uma diferença formidável da sonoridade de uma formação para a outra.

Em "Waltz: Golden Ancestry Pt. 1 for Harp, Cello and Clarinet", quando o clarinete se junta ao violoncelo, resulta numa emissão de frases com sons graves, intensos e de profunda formosura. Logo o dedilhar da harpa se encarrega de acres-

centar ainda mais poder de encantamento à melodia e ao ritmo.

Em "Short Time for Harp, Cello and Violin", da segunda formação, destaco o violino que toca o tema em pizzicato e segue se valendo de acordes em compassos intercalados. Logo a harpa abre a cama para que o violino se valha do arco e o violoncelo se ajunte a eles para construir um novo som instrumental. Alguns acordes à frente, o violino volta ao pizzicato. Logo também a harpa retorna sua leveza, enquanto o violoncelo volta à cena com seu som robusto.

Os sons deste trabalho mostram que vale muito ouvir o álbum arrebatador. Como já disse e repito: o erudito não é antagônico ao popular. São complementares em seus requintes; contrastantes em seus acordes; plurais em suas harmonias. Ouça em <https://acesse.one/LX7vD>

*Vocalista do MPB4 e escritor

Marcelo Castello Branco/Divulgação



Victor Biblione defende a tese de que Luiz Bonfá merecia um tributo que destacasse seu virtuosismo instrumental e sofisticação harmônica

O eterno violão de Luiz Bonfá

Novo álbum gravado pelo guitarrista Victor Biglione presta tributo à sofisticação do lendário instrumentista que nos deixou em 2001

Por Affonso Nunes

Victor Biglione presta uma homenagem a Luiz Bonfá com o lançamento de “Nos Tempos do Jacarandá”, álbum instrumental que chega às plataformas digitais nesta sexta-feira (17). O projeto representa o primeiro

tributo discográfico feito por um guitarrista ao lendário violonista e compositor brasileiro, utilizando a mesma craviola de 12 cordas que Bonfá consagrou mundialmente no histórico álbum “Jacarandá”, de 1973. Foi através dele que Bonfá revolucionou a sonoridade da música brasileira e influenciou gerações de músicos ao redor do mundo, in-

cluindo Jimmy Page, guitarrista do Led Zeppelin.

O álbum reúne nove faixas que atravessam fronteiras estilísticas, seguindo a filosofia eclética que caracterizava o trabalho de Bonfá. Entre as interpretações estão “Paula e Beбето”, de Milton Nascimento; “Lucy in the Sky with Diamonds”, de Lennon e McCartney; e “Pava-

ne”, de Gabriel Fauré.

Acompanhado apenas pelo percussionista Sérgio Benchimol, Biglione dialoga com o refinamento e sofisticação harmônica que tornaram Bonfá uma referência mundial.

Biglione conta que a ideia do tributo remonta a 2001, quando Bonfá faleceu e Biglione percebeu uma lacuna no cenário musical brasileiro. “Pensei nesse tributo na ocasião do falecimento do Bonfá. Os pouquíssimos tributos dedicados a ele eram todos cantados, e eu achava necessário um trabalho de instrumentista, com violões de seis e de doze cordas”, explica o guitarrista, que conheceu Bonfá em 1978 por intermédio do trompetista Márcio Montarroyos.

“A importância do Bonfá não é

“A importância do Bonfá não é nem para mim. É para a música, a cultura brasileira, a história do Brasil e a visibilidade do país”

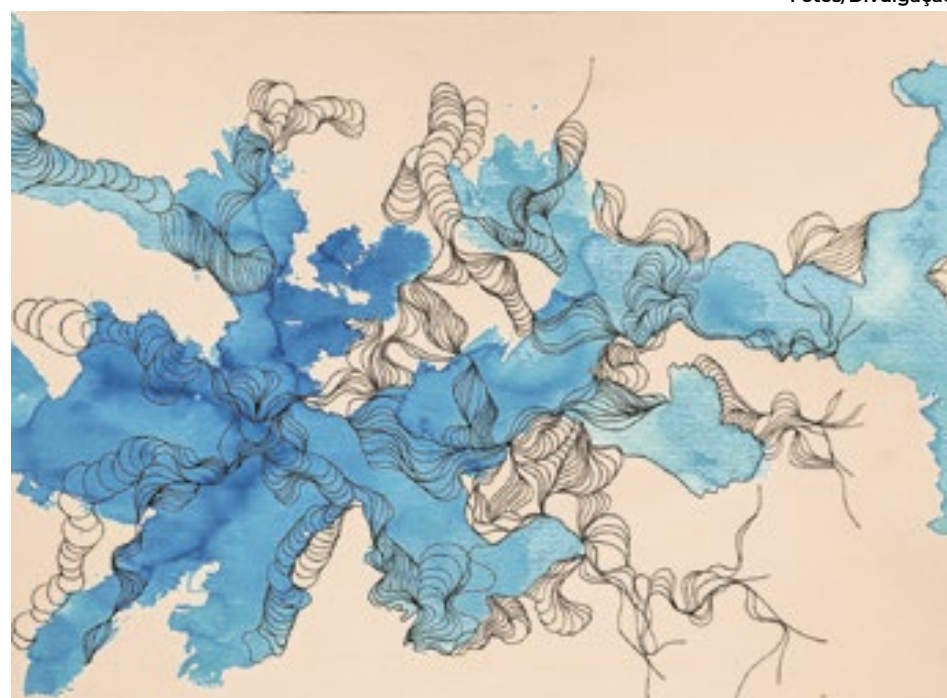
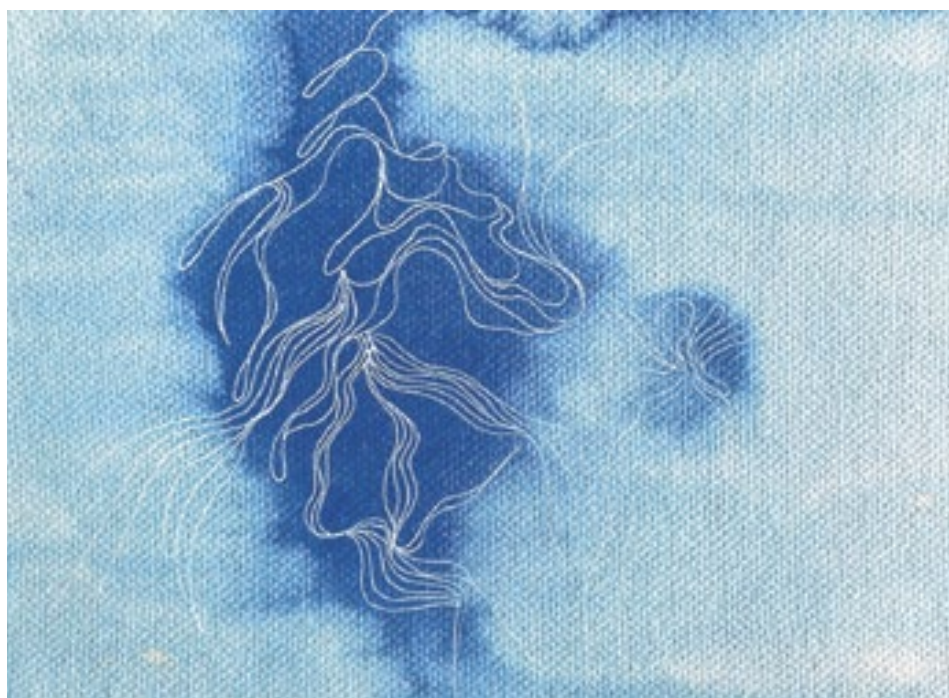
Victor Biglione

nem para mim, né? É para a música, para a cultura brasileira, para a história do Brasil e para a visibilidade do país no mundo. Principalmente por causa do filme ‘Black Orpheus’, lançando ao mundo ‘Manhã de Carnaval’, uma composição fundamental para a nossa história e para a nossa visibilidade internacional”, observa o guitarrista, referindo-se à trilha sonora de “Orfeu Negro” (1959), que conquistou a Palma de Ouro em Cannes.

Carlos Mills, produtor do álbum, destaca a originalidade da proposta: “A proposta do projeto me cativou: fazer uma homenagem à estética do Luiz Bonfá, usando o instrumento que ele consagrou, no caso, o violão de 12 cordas. Assim, músicas novas foram interpretadas com a pegada do Luiz Bonfá, mesmo que ele não as tivesse gravado em sua discografia. Achei essa ideia do Victor muito ousada e criativa!”

“São seis horas da manhã e eu aqui ouvindo sons que brotam de uma terra bem fecundada, nos dando tronco, galhos e folhas que contam uma história, que são a base do século XX, de onde grande parte de nós fomos forjados. De Fauré a Bituca, passando por Bonfá, Coltrane, Mingus, Donato, Gershwin e Beatles, formando um mosaico de nossas vidas sonoras impregnadas em nossa alma, de nossos instrumentos”, comentou João Bosco após ouvir o álbum.

O lançamento oficial do tributo a Luiz Bonfá será no próximo dia 31 de outubro, no Manouche, no Jardim Botânico.



Linhas em progressão

Exposição
'Metamorfoses', de
Daniele Bloris, entra
em sua
última semana

Fica em cartaz até sexta (17) a exposição "Metamorfoses", da artista plástica Daniele Bloris, na Casa Paulo Branquinho, integrando a programação da 33ª edição do Arte de Portas Abertas, em Santa Teresa. Com curadoria de Lia do Rio, a mostra revela o universo singular da artista através de linhas e cores que ganham vida própria nas telas, provocando transformações sensoriais no observador.

A exposição explora a linguagem particular desenvolvida por Bloris, psicóloga, artista plástica e psicanalista carioca, que constrói uma narrativa visual através de traços orgânicos em movimento contínuo. Suas criações estabelecem um diálogo profundo entre consciente e inconsciente.



A produção de Daniele Bloris representa exploração contínua das possibilidades do traço, movimento e espaço

"Daniele Bloris percorre sua trajetória com espontaneidade, na qual gesto e traço se confundem pelo uso de linhas que passam a ter vida própria ao colocar em atividade ritmos internos", analisa a cura-



dora Lia do Rio. "Pensa enquanto a linha progride, não pela ordem do acaso, mas pela metamorfose dos signos gráficos, das linhas multiplicadas que intensificam o movimento expandido."



A curadora destaca ainda que cada unidade visual funciona como "termo modular autônomo que pode ser ajustado segundo diferentes ordens", transformando cada desenho em ponto de partida para desenvolvimentos formais posteriores. Essa característica confere às obras uma qualidade de infinitude, onde as linhas parecem se completar formando um universo único.

Bloris, que nasceu e vive no Rio, possui trajetória consolidada com participações em exposições coletivas e individuais, incluindo mostras em cidades europeias e Osaka, no Japão. Sua produção representa exploração contínua das possibilidades do traço, movimento e espaço, criando linguagem caracterizada pela fluidez orgânica e espontaneidade reveladora.

SERVIÇO

METAMORFOSES

Casa Paulo Branquinho (Rua Moraes e Vale, 8, Lapa)

Até 17/10, quarta a sexta (14h às 19h)

Entrada franca